



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

LAÍS CAVALHEIRO

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-175

Entrevistada: Laís Cavalheiro

Nascimento: 21/01/1988

Local da entrevista: UFSM – Santa Maria/RS

Entrevistadora: Márcia Luiza Machado Figueira

Data da entrevista: 27/10/2010

Transcrição: Alan Wasum da Silva

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 21 minutos e 90 segundos

Páginas Digitadas: 8

Catálogo: Ivone Job

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CAVALHEIRO, Laís. *Laís Cavalheiro (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (monitora); atividades que desenvolve; divulgação do Programa para a comunidade universitária; processo de capacitação: metodologia de trabalho, objetivos do PST, questões discutidas; importância do PST para a formação acadêmica e profissional; perfil dos alunos praticantes; importância do Programa para a inclusão social; pontos positivos e dificuldades do Programa; outras atividades oferecidas.

Santa Maria, 27 de outubro de 2010. Entrevista com Laís Cavalheiro, a cargo da pesquisadora Márcia Luiza Figueira para o projeto Memórias do Segundo Tempo. Laís é monitora da atividade de dança e de alongamento.

M.F. – Laís, eu gostaria que você falasse um pouco sobre como você conheceu o Programa Segundo Tempo?

L.C. – Eu fui convidada, na verdade, para fazer parte do quadro de monitores do Programa e, a partir daí, começou todo o conhecimento em cima do projeto. Na época, ele foi idealizado pelo professor Matheus¹ e pela Patrícia Somavilla² e eles que iniciaram tudo lá em 2008. Então, fui convidada a fazer parte do quadro de monitores. Passei por todas as formações, capacitações, e assim fui conhecendo o projeto.

M.F. – Então, você começou a trabalhar em 2008?

L.C. – Não. Iniciei nos primeiros meses de 2009 e, em abril de 2009, iniciaram as atividades.

M.F. – E a sua função?

L.C. – Monitora. Iniciei com as atividades de dança e alongamento. Eram atividades que ocorriam duas vezes na semana. A dança, na verdade, era três vezes na semana e o alongamento duas vezes na semana. Todos com uma hora por dia.

M.F. – E você participou também daquele movimento de chamamento dos alunos? Você estava envolvida nesse processo? E o que você fez?

L.C. – Sim, desde o início. Nós iniciamos a divulgação do projeto com a primeira parte passando de apartamento em apartamento na casa do estudante aqui do Campus da

¹ Matheus Francisco Saldanha Filho. Coordenador técnico do Programa Segundo Tempo Universitário. Universidade Federal de Santa Maria.

² Ex-Coordenadora Geral do Programa Segundo Tempo Universitário. Universidade Federal de Santa Maria.

UFSM³, onde levamos uma espécie de questionário para fazermos um diagnóstico em cima daquilo: o que as pessoas gostariam de ter como prática. Então, passamos de apartamento em apartamento, fizemos uns mutirões à noite porque é onde o pessoal realmente está em casa, porque, durante o dia, a maioria estuda ou trabalha. E nessa conversa com os moradores, através das respostas dos questionários, fizemos todo um levantamento de quantas pessoas já praticavam atividades físicas e quantas pessoas estariam interessadas em praticar alguma atividade e de qual atividade elas estariam interessadas em praticar. Fizemos um levantamento, um ranqueamento, montamos um quadro de atividades, e aí distribuimos os monitores nas atividades.

M.F. – E você se identifica com a dança, a sua qualificação é para a dança, não é?

L.C. – Isso.

M.F. – E em quantas turmas você trabalhou? Inicialmente, você começou com quantos grupos?

L.C. – Comecei com duas turmas em abril de 2009. Essas duas turmas seguiram no primeiro semestre de 2009. Depois, no segundo semestre de 2009, nós renovamos o grupo. Então, alguns alunos do primeiro semestre continuaram, mas vieram novas inscrições. Aí nós tínhamos uma turma que era mais dos já antigos, que estavam desde o início, e dos iniciantes. Em 2010, nós começamos com uma turma. E, hoje, no segundo semestre de 2010, eu tenho uma turma e temos aulas duas vezes na semana.

M.F. – Você participou de algum processo de formação? Quantos processos?

L.C. – Sim. Nós tínhamos as reuniões pedagógicas do núcleo, que era o núcleo universitário, que era uma vez na semana. Nessas reuniões semanais nós trabalhávamos em cima da metodologia das aulas, até porque o Segundo Tempo foi com todo esse objetivo de se levar para atividade um pouco do esporte educacional, não a simples prática pela prática, mas sim colocar um sentido naquela prática. Então, nós discutimos todas essas questões e também a questão dos problemas que vem, que acontecem: questão de gênero,

³ Universidade Federal de Santa Maria.

de sexualidade, as diferenças culturais, as questões culturais. Então, tudo isso, nós debatíamos nas nossas reuniões pedagógicas e também era contado como formação porque estávamos sempre discutindo e desenvolvendo um tema referente a nossa realidade. Também teve as capacitações gerais, que aí foram muitas, não sei exatamente dizer quantas, mas era prevista uma por mês. Eu acredito que até teve mais que uma formação por mês e também eram debatidos assuntos gerais.

M.F. – E essas capacitações, você gostava, eram produtivas?

L.C. – Sim. Porque, a partir delas, tratava o tema de um modo geral. Por exemplo, tu vai tratar o tema sexualidade: se tu vai tratar ele de uma forma geral é diferente de tu colocares a realidade que tu estás enfrentando na tua atividade. Então, era importante por isso, porque também tínhamos um espaço para dialogar e para trocar ideias do que estava acontecendo em cada grupo em relação às questões que eram debatidas. E também um espaço para aprender coisas novas, porque é sempre bom. Teve um dos espaços que foi uma das primeiras formações, foi junto com o grupo do PELC⁴, que é outro programa de esporte e lazer. Aí nós tínhamos pessoas do Ministério que vieram e deram algumas atividades, algumas palestras e algumas atividades práticas também. Depois teve a nossa que também veio pessoas de fora com algumas ideias novas. É sempre bom estar renovando.

M.F. – E você como aluna e estudante também, qual a tua avaliação de ser aluna e ser uma monitora? Como é que você vê isso na tua formação, qual a importância, você vê importância? O que você acha, que significado tem ser monitora e estudante de um projeto que acontece no seu centro de estudo?

L.C. – Eu acredito que a maior e a melhor formação se dá fora da sala de aula. A sala de aula, a academia em si, te indica os caminhos. Agora, o que você vai fazer, o que realmente você quer fazer, você vai buscar fora. Então, eu acredito que todo esse espaço que é aberto, questão de monitorias de projetos, tanto de extensão quanto de pesquisa, é onde realmente o aluno tem a oportunidade de estar aprendendo e se qualificando para sua vida profissional. Então, a importância é essa: o leque que se abre na formação, acontece nesses

⁴ Programa de Esporte e Lazer na Cidade.

espaços. Você tem a oportunidade de trabalhar com monitoria, você tem a oportunidade de trabalhar com pesquisa, está atuando fora da sala de aula. Porque a sala de aula em si, na minha opinião, não forma [risos], só informa.

M.F. – E como você se sente trabalhando como monitora? Como você se sente ao se apropriar de um planejamento, ir para prática? Como você se vê trabalhando com colegas? São todos universitários.

L.C. – Primeiro a importância, como eu já falei, de atuar e estar praticando aquilo que você vê dentro da sala de aula. Tem uma disciplina de didática que te ensina a planejar a aula, que te ensina a avaliar a aula, escolher metodologias, formular objetivos. E aí tu tens um momento que tu consegue praticar isso que é um trabalho com monitoria. Porque, também uma coisa que dentro dos núcleos, dentro do programa, sempre deixamos bem claro, que a atividade não deveria ser uma coisa sem objetivo. Não podia ir lá simplesmente soltar a música e deixar meus alunos dançando. E, se eu fizesse isso, eu tinha que ter um objetivo para isso. Então, isso foi bem importante na questão de formação, por estar praticando aquilo que eu aprendi na teoria. E o se sentir bem dentro da atividade, pelo gosto da prática da dança. Eu acho que, para mim, foi muito valioso poder estar passando aquilo que eu sei, aquilo que eu aprendi, e estar me instigando a conhecer ainda mais, porque tive alunos que iniciaram comigo em abril de 2009 e continuam até hoje e te reconhecem não como uma colega universitária, e sim como professora. Até é engraçado. Às vezes, uma pessoa mais velha te chama de “profe”, “senhora”. Eu digo: “Não. Senhora vamos cortar” [risos]. E fomos aos poucos se adaptando, mas o respeito é muito grande porque eles reconhecem que tu estás ali, que tu tens coisas sim para passar, que tu tens interesse naquilo, que não é para “matar um tempo”, não é para utilizar o tempo livre sem objetivo nenhum. E é muito bom ver o reconhecimento das pessoas, dos alunos, das turmas que se iniciaram e das pessoas que continuam até hoje. Eu acho que isso que faz ter sentido a prática: não estar fazendo uma coisa sem sentido.

M.F. – E os alunos, como você observa esse grupo que começa e vem até hoje? O envolvimento deles, a postura? Começam a prática, antes não faziam, eram ociosos e, de repente, começam a fazer uma prática e persistem nessa prática. Como você vê esse desenvolvimento deles, a participação? Como é esse aluno? Qual o teu olhar?

L.C. – No caso da dança, as pessoas que começam e continuam, é o gosto mesmo pela dança. Numa de nossas avaliações, fizemos um questionário com os beneficiados e a maioria dos meus alunos responderam que escolheram a atividade pelo gosto da dança. Então, quem está lá, está porque gosta de dançar e quer aprender coisas novas. Então, acho que é isso que instiga. Se eu chego para uma aula e trago coisas novas todos os dias, então eles sempre ficam curiosos: “O que será que vai ter hoje”. Eles vão nessa expectativa de aprender algo a mais naquilo que eles gostam de fazer. E a relação deles em aula, os alunos antigos, é uma coisa que sempre aconteceu e acontece até hoje, que sempre tem aqueles que tem mais facilidade para desenvolver as coisas e tal. E é interessante que no início começamos trabalhando essa questão de socialização, de cooperação, um ajudar o outro. Só que chegou um momento que eu não precisava mais falar isso porque eles já percebiam. Então, eu que sei mais, vou lá e danço com um aluno que sabe menos. Você já começa a ensinar, já começo a tirar dúvidas também, porque, às vezes, uma monitora não consegue dar conta de toda a turma. Então, isso já foi se desenvolvendo por si só. Os mais antigos foram vendo que tinham capacidade de também auxiliar os colegas, e isso acontece.

M.F. – Que é um espírito de solidariedade.

L.C. – É, também.

M.F. – Laís, o Programa Segundo Tempo tem a proposta mesmo de inclusão. Ele vem com essa proposta de incluir socialmente crianças e jovens às práticas de lazer. E você acha que o PST Universitário também proporciona isso?

L.C. – Eu acredito que sim. Porque, na minha atividade, não acontece muito a questão de exclusão. Porque, quem vai para ali, vai para dançar porque gosta de dançar e trazem pessoas novas. Mas temos casos na nossa atividade de um aluno com um problema motor na perna que praticava o futebol, o futsal. E tinha toda a questão de solidariedade, de companheirismo dos colegas que estavam praticando. Temos questões de homossexualismo aqui dentro, claro, e também temos alunos nas aulas, e também o trato com eles em nenhum momento foi diferente tanto dos colegas quanto de monitores, obviamente. É mais ou menos em relação a isso que tu perguntas?

M.F. – É, isso também. E essa inclusão das diferenças, mas também da inclusão social, no sentido assim de que tem pessoas que não fazem prática...

L.C. – Não fazem prática nenhuma.

M.F. – É, nenhuma. Você acha que é incluso totalmente a questão do lazer, do esporte?

L.C. – Sim. Porque, de repente o aluno não está inserido numa atividade regular, mas tem muitos que participam das nossas atividades extras, que não são os nossos períodos concentrados ou as atividades complementares. Então, cada núcleo é responsável por, a cada mês, apresentar uma atividade complementar, uma atividade diferente daquela que seu núcleo realiza, e, nessa atividade, ele abre para todos. Então, se eu não gosto, por exemplo, de praticar a dança, que é uma atividade regular no núcleo universitário, não pratico. Mas gosto de praticar a capoeira, que uma vez no mês vai ter a capoeira no núcleo da união universitária, eu vou lá e vou fazer a minha capoeira. Então, além da diversidade, porque a questão cultural também do praticar é uma coisa que questionamos muito. Fizemos muita divulgação e o nosso número de beneficiados continua o mesmo. Ele se renova, mas ele não cresce, ele não expande porque as pessoas vêm, fazem, saem, outras entram, e ele continua sempre equilibrado. Então, essa cultura do praticar ainda não está inserida em todos, mas ela vem se renovando, até porque tem essas possibilidades: eu não gosto de uma atividade, do gostar, isso que eu falo. As pessoas olham: “Ah não, mas eu não gosto de fazer isso. Então, eu não vou fazer isso.” Sem conhecer direito, entende? Então, quando começou as atividades, muitos não procuraram por não gostar. Mas aí, aos poucos, fomos trazendo atividades complementares. Aí muitas fizeram as atividades complementares. Depois vinham os períodos concentrados, nos quais também trazíamos atividades mais lúdicas.

M.F. – Quais são os pontos positivos no seu ponto de vista do Programa PST? O que você vê como positivo e os limites do Programa enquanto monitora?

L.C. – Então, um dos pontos positivos do Programa acho que foi essa busca da inserção do esporte e do lazer para esse grupo de pessoas, os universitários, que, muitas vezes, estão envolvidos só com estudar, cumprir carga horária, cumprir tabela de academia e acabam

deixando de lado essa questão do praticar um esporte ou alguma atividade de lazer. Então, o Programa veio com esse objetivo de estar abrindo os espaços da Universidade que é pública, e por isso deve sim oferecer os seus espaços para os acadêmicos e para toda a comunidade. Então, uma das nossas dificuldades foi primeiramente essa: a questão dos espaços. Os espaços para esporte e para lazer que temos aqui na Universidade hoje, são os do Centro de Educação Física: dois ginásios poliesportivos, uma área para musculação, sala de dança e outro que é para diversas atividades, mais os campos abertos, campo, pista, uma pista, um bosque e a piscina. E esses espaços são bastante disputados porque é neles que se desenvolvem as atividades acadêmicas, as partes práticas das disciplinas do curso de Educação Física, licenciatura e bacharelado. É nesse espaço que acontecem os projetos de extensão do Centro de Educação Física e é nesses espaços que nós temos a Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria. Essa Associação também tem alguns espaços, que acaba cedendo à comunidade, aluga esse espaço para comunidade. Então, no início, foi uma disputa de lugar, porque tínhamos que conseguir espaço também para colocar o esporte e o lazer gratuito para comunidade e para comunidade acadêmica. Então, a primeira dificuldade foi essa. Nós conseguimos os nossos espaços e, hoje, continuamos nessa prática para não perder nenhum dos espaços que temos e, obviamente, se conseguir mais, conseguir mais espaços e estar abrindo ao público. A Universidade é pública, o espaço é público, então acho que ele tem que ser gratuito e tem que ser aberto a todo mundo. É isso. [risos]

M.F. – Você acha que o projeto na prática atende aos objetivos? O PST atende aos objetivos que ele propõe?

L.C. – Atende já de princípio por isso: por estar abrindo o espaço que é público para todos. E depois porque os nossos monitores estão engajados com os objetivos que o Programa vem. A questão da metodologia de não ser a prática pela prática, de não estar reforçando o “esporte espetáculo”, estar trazendo outras metodologias de ensino para o pessoal, estar integrando as pessoas. Antes eu comecei a falar do período concentrado, no qual juntamos, num final de semana, atividades culturais e atividades esportivas. Então, socializamos todos os núcleos. Todas as pessoas são convidadas a participar, desde os acadêmicos que não fazem parte de alguma atividade do Programa, desde aqueles que fazem parte do Programa. Então, todos se juntam para socializar.

M.F. – E eles gostam dessas atividades? Você percebe?

L.C. – Gostam. Nas primeiras, conseguimos fazer alguns fins de semana bem diversificados e o pessoal vem, participa. Já tivemos bocha, canoagem, luau. O luau foi uma noite que juntamos alguns beneficiados que sabiam tocar alguns instrumentos e fomos lá cantar um pouco à noite. Tem as “mateadas” também que é onde o pessoal se reúne para dançar. Soltamos uma música e o pessoal dança. Quando conseguimos “ervateira”, a trazemos e distribuimos chimarrão para o pessoal. Também procuramos uma vez, fazer as brincadeiras de criança. Levamos elástico, bambolê, corda, materiais para o pessoal brincar. Então, o pessoal participa mesmo, vai com aquele intuito de estar ali. Porque, dentro da academia, formamos os “grupinhos” de amizade. Então, esses grupinhos que vão e acabam estimulando outros e vão participando. Então, é bem interessante.

M.F. – Mais alguma coisa que você queira falar Laís?

L.C. – Assim agora, não me lembro, mas não sei, acho que não. [risos]

M.F. – Então muito obrigada pela sua colaboração.

[FINAL DO DEPOIMENTO]